

«DEIXAR MARCAS NA HISTÓRIA DO MUNDO»

8. Um povo novo na história, para a glória humana de Cristo

por Luigi Giussani*

O encontro com Cristo, mediante a forma histórica concreta que se chama “carisma”, evidencia-se na vida das pessoas numa experiência de “unidade” antes inimaginável. Não só uma unidade consigo mesmo, pela qual a pessoa se descobre mais ativamente protagonista da própria vida, sem censurar nada de si. Também brota uma unidade com as outras pessoas que foram alcançadas pelo mesmo encontro: é esta, na história, a origem do “Povo de Deus”. Essa companhia em caminho revela-se um ponto de luz, de comunhão e de simpatia humana no cenário acinzentado do mundo e, ao mesmo tempo, permanece sendo o lugar que gera e regenera constantemente a humanidade de quem toma parte nele, abraçando todas as dimensões da vida.

Nestas semanas que vivemos em direção ao Tríduo Pascal, poderia ser útil aprofundar o diálogo, deixando-nos provocar na leitura do texto por algumas perguntas: de onde nasce, no hoje da pandemia, o meu pertencimento ao caminho dos Colegiais? O que encontro de diferente nesta companhia, em comparação a outros grupos que frequento? O que é “a unidade” para mim? Quais formas (momentos, gestos) da vida dos Colegiais me ajudam mais no caminho da vida e eu gostaria de compartilhar com todos os meus amigos?

Propomos o prosseguimento do trabalho até o fim do mês de março sobre o início do terceiro capítulo (pp. 125-136), do livro de L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo, Cia. Ilimitada, 2019.

Lembramos que é possível mandar perguntas e testemunhos no site:

<http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>

na seção «Scuola di Comunità».

1. UM PROTAGONISTA NOVO NA HISTÓRIA

A companhia formada por aqueles que Cristo identificou consigo na Igreja, Seu Corpo, vive e manifesta-se na história como um povo novo, o Povo de Deus. Vejamos, primeiramente, quais são as características de um povo e, em seguida, como esse povo em particular, o Povo de Deus, se manifesta na história dos homens.

Para que haja um povo, é preciso haver entre as pessoas um vínculo suscitado por um acontecimento que perceberam como decisivo para seu significado histórico, para o desti-»

* Do volume L. Giussani - S. Alberto - J. Prades
Deixar marcas na história do mundo,
São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, pp. 125-136.

» no delas e do mundo. Um acontecimento dá início a um povo dando origem a um vínculo estável mediante o qual pessoas, até aquele momento estranhas umas às outras, passam a juntas pertencer, da mesma forma como o acontecimento de uma criança dá início à plena realização de uma família. Vamos dar um exemplo. Imaginemos duas famílias vivendo em palafitas sobre um rio que volta e meia transborda. A unidade dessas duas famílias, e depois de cinco, de dez, conforme as gerações passam, é uma luta pela sobrevivência e, em última instância, para afirmar a vida. O vínculo que surgiu entre elas leva-as a buscar uma consistência cada vez maior da vida que começaram a compartilhar. A realidade que nasce daí é considerada positiva, é um bem, e isso implica também uma defesa contra quem a ameaça, defesa em que aplicam toda a astúcia e a energia para o trabalho que se fazem necessárias. Há entre elas um fermento que as mantém unidas, em favor de sua vida: estamos diante da aurora de um povo.

A vida de um povo é determinada por um ideal comum, por um valor pelo qual vale a pena existir, esforçar-se, sofrer e, se necessário, até morrer; por um ideal comum pelo qual tudo valha a pena. É uma dinâmica que Santo Agostinho já intuía, quando, no *De civitate Dei*, observava que “o povo é o conjunto dos seres racionais associado na concorde comunhão das coisas que ama”, acrescentando, ainda, que para conhecer a natureza de determinado povo é preciso ver as coisas que este ama (“*ut videatur qualis quisque populus sit, illa sunt intuenda quae diligit*”¹). Em segundo lugar, a vida de um povo é determinada pela identificação dos instrumentos e dos métodos adequados para alcançar o ideal que reconheceu, enfrentando as necessidades e os desafios que aos poucos vão aparecendo nas circunstâncias históricas. E, em terceiro lugar, essa vida é determinada pela fidelidade mútua, em que um ajuda o outro no caminho para a realização de seu ideal. Um povo existe quando há a memória de uma história comum, que é aceita como tarefa histórica a ser cumprida.

Do reconhecimento do ideal nasce, portanto, uma operatividade poderosa, que tende a dotar-se de instrumentos da melhor maneira possível. Essa operatividade expressa-se, em seu mais alto grau, na caridade do povo, em virtude da qual cada um carrega o peso do outro. Nesse sentido, o “nós” entra na definição do “eu”: é o povo que define o destino, a capacidade operativa e a genialidade afetiva, e por conseguinte fecunda e criativa, do eu. Se o “nós” do povo entra na definição do “eu”, o eu, identificando-se com a vida e o ideal do povo, alcança sua maior maturidade, enquanto reconhecimento de seu destino pessoal e totalidade de sua afetividade. Sendo assim, sem amizade, ou seja, sem a afirmação gratuita e recíproca do destino comum, não existe povo.

A coisa mais misteriosa é que no êxito de um povo não pode deixar de estar implicada também a perspectiva de que seu bem seja para o mundo, para todos os outros. E isso fica bem claro quando o povo alcança certa segurança e dignidade, e amadurece e afirma-se o fator ideal (que é a origem de toda civilização, da mesma forma como seu desaparecimento assinala seu ocaso: uma civilização termina quando já não sabe zelar pelo ideal que a gerou).

Nesse sentido, o povo judeu pode ser o símbolo de todos os povos. O povo de Israel nasceu de um acontecimento na história,² da promessa feita a Abraão de que sua descendência seria mais numerosa que as estrelas do céu e a areia da praia:³ estabelece-se, assim, uma aliança entre o Senhor, que será seu Deus, e os israelitas, que serão Seu povo.

Numa continuidade misteriosa com essa história,⁴ nasce de Cristo um Povo novo, que »

¹ “*Populus est coetus multitudinis rationalis rerum quas diligit concordi communione sociatus*” [cf. Cícero, *De republica*, I, 25], profecto, ut videatur qualis quisque populus sit, illa sunt intuenda quae diligit” (Santo Agostinho, *De civitate Dei*, XIX, 24).

² Cf. Ex 12-15.

³ Cf. Gn 12,1-9; 15; 22,15-18.

⁴ Cf. Mt 1,1-17.

» pode ser visto pelas ruas de Jerusalém e sob o pórtico de Salomão.⁵ A ideia de pertencer, de ser propriedade de Deus, que definia a autoconsciência do povo judeu, é reencontrada como conteúdo da consciência dos primeiros cristãos. Efetivamente, aquele grupo de pessoas que estava nascendo concebia-se como a unidade daqueles que, pertencendo a Cristo, davam prosseguimento a Sua missão. Tiago, que foi o primeiro chefe da comunidade de Jerusalém, diz num discurso, citando o profeta Amós: Irmãos, ouvi-me: Simão acaba de nos lembrar como, desde o começo, Deus escolheu, dentre as nações, um povo dedicado ao seu nome. Isso concorda com as palavras dos profetas, pois está escrito: “Depois disso, eu voltarei e reconstruirei a tenda de Davi que havia caído; reconstruirei suas ruínas e a reerguerei, a fim de que o restante da humanidade procure o Senhor com todas as nações sobre as quais foi invocado o meu nome, diz o Senhor, que fez estas coisas, conhecidas desde sempre”.⁶

Todavia, pertencer à Igreja implica uma novidade fulminante: os cristãos são o Povo de Deus, mas o critério por que alguém pertence a esse povo já não é estabelecido por uma origem étnica ou por uma unidade sociológica. O novo Povo é formado por aqueles que Deus escolheu e uniu na aceitação de seu Filho, morto e ressuscitado.⁷

Como vimos no capítulo anterior, a lei geradora e dinâmica desse povo é a eleição. Os eleitos, aqueles a quem Cristo quis chamar, recebem a missão como tarefa, que lhes é confiada para o desenvolvimento do desígnio do Pai no mundo. Ser enviado é inerente a ser escolhido mediante o fato do Batismo. Não é possível conceber um discípulo de Cristo, um batizado, se não for para a missão. Nascemos e somos batizados para a missão; a graça do encontro e a educação que vem do fato de pertencer são-nos dados para a missão. E, se não chegamos ao tempo da liberdade e da consciência madura, devemos dizer o que Péguy diz dos santos inocentes: sua grandeza e sua santidade são determinadas pelo fato de serem tornados, sem o saber e sem nada ter feito, parte do mistério da missão de Cristo, que é a salvação do mundo.⁸

Há no Evangelho uma página que documenta existencialmente a irrupção do Povo novo na história, com sua tarefa nova de pertencer a Cristo e de participar de sua missão.⁹

Com o “sim” de Pedro tem início um Povo novo: “Apascenta o meu rebanho”

O “sim” de São Pedro a Cristo inaugura a conexão entre a vocação da vida pessoal e o desígnio universal de Deus. Em que consiste, o que produz essa relação entre o momento pessoal e a totalidade misteriosa do desígnio de Deus? Ao responder ao “sim” de São Pedro, Jesus enuncia essa conexão com uma frase simples de entender: “Apascenta meus cordeiros. Pastoreia minhas ovelhas. Apascenta minhas ovelhas”.¹⁰ É como se Jesus dissesse: “Guia meu rebanho. Eu guiarei o meu rebanho por intermédio de ti, Pedra na qual meu edifício no mundo, meu desígnio para o mundo se apoia e se desenvolverá”.¹¹ O fato de Pedro pertencer a Cristo torna-se, assim, participação do desígnio universal de Deus. “Apascenta meus cordeiros”, guia esse conjunto vivo novo que se torna protagonista da história, instrumento da vitória e da glória humana de Cristo na história.

O “sim” de Simão é o início de uma relação nova do indivíduo com toda a realidade. É o início de uma relação nova, não apenas entre o indivíduo e Jesus, mas que invade toda a realidade: muda de aspecto a relação entre o homem e a mulher, entre pais e filhos; mudam »

⁵ Cf. Jo 10,23; At 3,11; 5,12.

⁶ At 15,14-18; cf. Am 9,11-12.

⁷ Cf. L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., pp. 117-127.

⁸ Cf. C. Péguy, “Il mistero dei santi innocenti”. In: Idem, *I Misteri*, op. cit., pp. 400ss.

⁹ Cf. L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., pp. 105-115.

¹⁰ Cf. Jo 21,15-17.

¹¹ Cf. Mt 16,17-19.

» de aspecto as regras da educação; muda a maneira de olhar para o céu e para a terra, de se levantar de manhã ou de ir para a cama à noite; torna-se diferente a maneira de ir para o trabalho, de enfrentar o peso de uma incongruência, de uma dúvida que aparece, de uma questão que pesa sobre o coração; torna-se diferente a postura diante da morte e diante de uma vida que nasce.

Na raiz da diferença desses comportamentos está o triunfo da piedade que Cristo teve pelo homem. “Ao ver as multidões, Jesus encheu-se de compaixão por elas, porque estava como ovelhas que não têm pastor.”¹² Pedro foi o primeiro pastor que Ele estabeleceu para guiar o rebanho, a fim de que as várias formas de relação entre os homens e a realidade vissem triunfar a piedade de Cristo pelo homem. Pedro, garante da unidade desse Povo novo na história, assegura a permanência da novidade que Cristo introduziu no mundo para sustentar a esperança dos homens.

Por meio do perdão e de uma atividade incansável

Em primeiro lugar, o “sim” de Pedro a Cristo produz uma realidade nova por meio do perdão. Quando Jesus pergunta: “Simão, tu me amas?”, destrói qualquer ressentimento, qualquer lembrança de todas as traições daquele pobre homem que tinha à sua frente. Para que o “sim” de Pedro produza uma nova humanidade, um povo novo, um fluxo humano diferente, desperto, vigilante, com uma mentalidade e um olhar que vê, julga, trata as coisas de um modo diferente do empregado pelo mundo, para que a fecundidade desse “sim” se torne evidente, para que esse “sim” seja decisivo para a história da humanidade, protagonista dos eventos humanos, a condição é que seja exaltado, se apoie, seja construído sobre o perdão, aceitando-o. Aceitar o perdão talvez seja a coisa mais difícil, embora não deixe de ser extremamente simples.

O “sim” de São Pedro cria o povo novo sobre o perdão; é pronunciado em virtude da consciência de que o rosto que lhe pergunta “Simão, tu me amas?” é repleto de perdão. O “sim” de Pedro é construído sobre esse perdão e logra que este seja para todos. É por isso que o Abade diz a Miguel Mañara que tudo o que pode ter feito em seu passado é como que reduzido a zero.¹³ É preciso uma força infinita para reduzir a nada algo que existe. O perdão, antes de mais nada, é uma redução a nada de todo o mal que eu fiz. Mas também de todo o mal que farei, pois daqui a um mês, daqui a um ano, do ponto de vista da forma, serei obrigado a dizer o mesmo que digo hoje. Uma mãe e um pai verdadeiros conhecem um pouco o significado dessa onipotência, quando zeram a lembrança dos pequenos ou grandes erros cometidos por seus filhos. A comparação é imprecisa, pela nossa pequenez e fraqueza, mas é a única possível: o pai e a mãe, diante da criança pequena, perdoam continuamente, têm de perdoá-la continuamente para que ela cresça. E esse perdão nunca terá fim; aliás, terá de aumentar com o passar do tempo.

Em segundo lugar, o “sim” de São Pedro desencadeia uma atividade que caminha no sentido contrário das aproximações, das negações e dos ódios mundanos. “Todo o que nele tem essa esperança, purifica-se a si mesmo, como ele é puro.”¹⁴ A pessoa não é purificada de uma vez, não obtém a santidade de repente, mas sua vida é purificar-se: “Purifica-se a si mesmo, como Ele é puro”. Torna-se, então, habitual despertar de manhã e rezar o *Angelus*, oferecendo o dia com a consciência de que a própria fraqueza, nos erros que serão cometidos naquele dia, já está perdoada: “Eu vos ofereço, ó Deus, este meu dia, como quer que seja, »

¹² Mt 9,36.

¹³ Cf. O. Milosz, *Miguel Mañara*, op. cit., p. 65.

¹⁴ 1Jo 3,3.

» para que o perdoeis, zerando a lembrança de meus males, para que o mantenhais tendente a Vós, em tensão para Vós”, como a figura de São Pedro e de São João, que correm para ver o sepulcro¹⁵ de onde Jesus ressuscitou.

O Povo novo nasce desse perdão e dessa atividade incansável, dessa atividade que não é aplacada por aquilo que consegue construir (pelo fato de “ter sucesso”). Aqui, nenhum tipo de medida é importante, nem a do sucesso nem a da falta de sucesso. Dentro do perdão, apoiados no perdão, retomamos do princípio mil vezes por dia.

O Povo de Deus, uno e múltiplo, incide sobre a história

O Povo de Deus que nasce é *uno*. “Vós todos que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo. [...] Todos vós sois um só [*eis*], em Cristo Jesus.”¹⁶ O “sim” de Simão a Cristo comporta um início de mundo novo que se documenta visivelmente na unidade entre aqueles que O reconhecem; documenta-se fenomenicamente como uma unidade, a qual tem uma profundidade ontológica original: é um organismo no sentido real do termo, é o Corpo misterioso de Cristo. Essa ontologia pode ser expressa por outra palavra, *communio*, comunhão de ser, mediante a qual “todos vós sois um só [*eis* – em grego, “uma pessoa só”] em Cristo Jesus”. O acontecimento de Cristo permanece na história, está presente em cada “presente”, documentando-se fenomenicamente como uma unidade de homens que estão juntos porque Ele está presente, porque reconheceram ter sido escolhidos por Ele.

Essa unidade não é uma homologação, uma identidade de rostos sem sentido, mas é constituída de rostos precisos. A razão pela qual a unidade do Povo não é homologadora, mas rica em nuances, é que cada uma das realidades que o compõem nasce de uma história em que um “encontro” uniu as pessoas e assinalou o caminho. A partir do encontro que tivemos, fica mais compreensível, mais fácil de entender e de seguir, mais passível de ser amado e mais fecundo o caminho para a pureza. Cada parte desse Povo nasce de uma graça particular do Espírito, que se chama carisma.

Enquanto ligada à comunhão de todos aqueles que creem em Cristo presente, a unidade de pessoas que O reconhecem num determinado ambiente incide sobre a sociedade, como presente, e sobre a história, como continuidade da sociedade. Essa unidade transforma em protagonista o homem novo batizado, que, por amor a Cristo, tende a criar um mundo mais humano para todos em Seu nome. Por natureza, essa unidade (quer seja formada por duas pessoas, quer por duzentos milhões) incide sobre a sociedade chegando até a política, e sobre a história enquanto cultura e civilização. Nesse sentido, o Evangelho contém a fórmula clara e completa do método evangelizador: “Que todos sejam um... a fim de que o mundo se dê conta de que Tu me enviaste”.¹⁷

Sobre esse rio humano visível e irrefreável na história, o cardeal Newman escreveu:

A Igreja cristã, como sociedade visível, é necessariamente uma potência política ou um partido. Pode ser um partido triunfante ou perseguido, mas tem sempre necessariamente as características de um partido que tem prioridade de existir sobre as instituições civis que o cercam, e que é dotado, por seu caráter divino latente, de enorme força e influência até o fim dos tempos. Desde o início, foi concedida estabilidade não apenas à mera doutrina do Evangelho, mas também à própria Sociedade fundada sobre tal doutrina; foi

»

¹⁵ Cf. Jo 20,3-10.

¹⁶ Gl 3,27-28; cf. Rm 10,12; 1Cor 12,13; Cl 3,11; cf. também L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., pp. 154-158.

¹⁷ Cf. Jo 17,21.

- » prevista não apenas a indestrutibilidade do cristianismo enquanto doutrina, mas também a do organismo mediante o qual este deveria manifestar-se no mundo. Assim, o Corpo Eclesial é um meio divinamente estabelecido para que fossem postas em prática as grandes bênçãos evangélicas.¹⁸

Defesa da vida do povo e ajuda mútua

A ternura por Cristo¹⁹ leva-nos a nos tornarmos protagonistas novos na sociedade, chegando até a política, e na história, a ponto de criar uma civilização. Essa é a mais evidente consequência do núcleo invisível que o Espírito Santo criou no seio de uma jovem mulher: este se desenvolveu até chegar a ter as dimensões de um povo.

Os cristãos são homens que, reconhecendo-se em companhia, numa amizade, vivem uma luta em que se lançam, com tudo o que são, para a finalidade da vida como ideal comum do povo. Para eles, em tempos em que, como diz Eliot, “os homens esqueceram todos os deuses, exceto a Usura, a Luxúria e o Poder”,²⁰ esses deuses valem menos que a inclinação para o ideal. Por conseguinte, os cristãos vivem sem escândalo por seus erros, pela traição – inconveniente dolorosíssimo da incoerência –, numa contínua retomada do horizonte ideal. A vida é concebida como tensão para o Destino, como luta pelo bem, de modo que se torna fácil unir-se a outras pessoas para ajudar-se mutuamente.

O Acontecimento que, inesperadamente, une aqueles que se lhe deparam e o aceitam expressa seu princípio de unidade, antes de mais nada, como subsidiariedade realizada: cada um ajuda o outro, cada um procura suprir aquilo que falta no outro. É uma subsidiariedade concreta, se possível cotidiana, que facilita a vida e defende do inimigo que ameaça a vida do povo. Esse inimigo é o “mundo”, ou seja, a realidade humana quando se concebe programaticamente contrária a toda e qualquer referência a Cristo.²¹

A consciência que a pessoa tem de ter sido escolhida para participar da construção do Reino de Deus infunde uma onda nova no coração, em virtude da qual o sentimento amoroso – atravessando aquela passagem estreita terrível que se chama cruz, sacrifício – se transforma em autêntica caridade mútua. Viver isso é colaborar para a paz e, por conseguinte, para a laboriosidade, para a consolação da vida, para a percepção da vida como cheia de significado, à espera de que se cumpra seu significado final.

Na realização desses objetivos cumpre-se inteiramente o sentido do povo; cumpre-se por toda a eternidade, ou seja, de modo que o eterno seja vivido dentro da atividade normal. O povo, dessa forma, colabora para a finalidade da criação, colabora com Jesus na cruz, em conformidade com o adensamento empírico da luz, do amor e da alegria finais, pelo qual a Ressurreição de Cristo, como ponto final da cruz, penetra, assimilando, tudo o que conhecemos, utilizamos e vivemos juntos.

O novo Povo que Cristo gerou no mundo, esse rio irresistível – mesmo nas circunstâncias trágicas que tem de atravessar –, é feito de gente que aceita de alguma forma viver essas coisas; e que, quando ainda não as entende, pede a Deus a graça de entendê-las e a seus irmãos a graça de uma ajuda.

A responsabilidade dos cristãos é ser aquilo que conheceram, aquilo que se tornou parte de sua mente e de seu coração. Somos, portanto, responsáveis por ser o que somos, aquilo a que fomos chamados por Jesus no Batismo e no encontro que o levou a florescer. Nossa respon- »

¹⁸ J. H. Newman, *Gli ariani del IV secolo*. Milão: Jaca Book, Bréscia: Morcelliana, 1981, p. 199.

¹⁹ Cf. 2Cor 5,6-9.

²⁰ Cf. T. S. Eliot, “Coros de ‘A Rocha’”. In: *Poesia*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 189.

²¹ Cf. Jo 15,18ss.

» sabibilidade é sermos amigos segundo um encontro que tivemos.²² E essa amizade não pode deixar de incidir nas relações que se estabelecem na família, no trabalho e na vida social e política. Mostra-se atual, assim, a observação do estudioso americano Alasdair MacIntyre, que, falando da situação europeia do tardo Império Romano, observa o seguinte:

Houve um ponto decisivo nessa história mais antiga quando as pessoas de boa vontade se afastaram da tarefa de dar apoio ao *imperium* romano e deixaram de identificar a continuação da civilização e da comunidade moral com a manutenção daquele *imperium*. Em vez disso, resolveram [...] construir novas formas de comunidade dentro das quais seria possível sustentar a vida moral, para que tanto a moralidade quanto a civilização sobrevivessem às eras vindouras de barbárie e trevas, à dissolução do Estado, à corrupção da sociedade.²³

A amizade entre os homens chamados por Jesus no Batismo é o início das comunidades de que fala MacIntyre, o início de uma cultura nova, de um sentimento diferente da sociedade e do Estado, do mundo. Assim, nascem comunidades humanas novas, que são, segundo as palavras de João Paulo II, a única possibilidade de superar a desolação de grande parte da sociedade moderna: “O despertar do povo cristão para uma maior consciência de Igreja, construindo comunidades vivas em que o seguimento de Cristo se torna concreto, penetra as relações de que é constituído o dia e abarca todas as dimensões da vida: essa é a única resposta adequada à cultura secularista que ameaça os princípios cristãos e os valores morais da sociedade”.²⁴ Essa ameaça investe principalmente duas coisas: em primeiro lugar, sobre a antecipação da felicidade do homem, a que a Bíblia chama “herança”, acompanhada da espera segura dessa felicidade, que compõe e define o homem verdadeiro; em segundo lugar, a existência do povo. O poder parece ter como finalidade a eliminação do povo, enquanto unidade de homens que têm um ideal comum e identificam os meios para alcançá-lo, e em particular do povo cristão, que busca alcançar o Destino verdadeiro na companhia gerada por Cristo.

²² Cf. L. Giussani, “Tu” (*o dell’amicizia*). Milão: Bur, 1997.

²³ Cf. A. MacIntyre, *Depois da virtude*. Bauru: Edusc, 2001, pp. 440-441.

²⁴ Cf. João Paulo II, Discurso aos bispos espanhóis de Barcelona e das províncias eclesiásticas de Tarragona e Oviedo, em visita *ad limina apostolorum*. Roma, 11 de novembro de 1991.